

ARTIGOS

ECONOMIA DE FRANCISCO E CLARA: UM OLHAR DE ESPERANÇA

ECONOMY OF FRANCISCO AND CLARA: A LOOK OF HOPE

RESUMO

Este artigo pretende apresentar a Economia de Francisco e Clara, proposta do Papa Francisco para realmar a economia. Considerando os diversos problemas sociais enfrentados pelos povos, muitos deles causados pelo sistema econômico vigente, busca-se uma economia centrada nos seres humanos, no planeta e em todas as outras vidas que nele habitam. Por meio de pesquisa e revisão com enfoque teórico e bibliográfico e uso do método hipotético-dedutivo, entende-se que a economia atual carece de alternativas para que se torne sustentável, e a Economia de Francisco e Clara apresenta contundentes críticas e possibilidades para o cuidado da vida, por meio da economia.

Márcio Júnior Braga dos Santos
marciosantosbds@gmail.com

Graduando em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Membro do GEDE - Grupo de Estudos em Direito Empresarial (PUC Minas) (atual). Agente de Pastoral Universitária da PUC Minas. Belo Horizonte - MG - BR.

Sóstenes Tavares Luna
p.sostenesluna@gmail.com

Graduado em Pedagogia pelo Centro Universitário Claretiano e Doutor em Teologia com especialização na área da Espiritualidade pela Universidade Gregoriana de Roma. Pesquisador na Inclusão Social do Instituto para o Desenvolvimento da Educação - Unichristus e agente de pastoral da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Fortaleza - CE - BR.

Palavras-chave: Economia de Francisco e Clara; bem comum; sustentabilidade; esperança.

ABSTRACT

This article aims to present the Economy of Francisco and Clara, Pope Francis' proposal to improve the economy. Considering the various social problems faced by people, many of them caused by the current economic system, we seek an economy centered on human beings, the planet and all the other lives that inhabit it. Through research and review with a theoretical and bibliographical focus and the use of the hypothetical-deductive method, it is understood that the current economy lacks alternatives to become sustainable and Francisco and Clara's Economy presents blunt criticisms and possibilities for care of life, through the economy.

Keywords: Economy of Francisco and Clara; very common; sustainability; hope.

1 INTRODUÇÃO

Quem visita a Úmbria, na Itália, depara-se com uma cidade chamada Assis, situada na encosta do monte Subásio, menor em proporção que Perúgia, capital da região. A cidade de Assis é lugar de uma geografia magnífica e beleza natural que enche os olhos de quem por lá passa. No final do século XII e no começo do século XIII, temos o tempo cronológico de Francisco e Clara, jovens inquietos por um mundo mais fraterno e solidário.

Em toda a Itália, assim como na Europa de então, vislumbrava-se a primavera dos novos comerciantes. Entre estes, destaca-se o pai de Francisco de Assis, o senhor Bernardone. Ele não era um nobre, mas, como comerciante, diante da práxis da venda e da troca de tecidos e outros artigos, adquiriu muitas riquezas e almejava para o seu filho o título de nobreza, que ele não possuía e que ainda fazia fascínio na sociedade europeia da época.

A transformação econômica gerava muita tensão no mundo. Tínhamos o advento do desenvolvimento do cultivo da terra, as novas profissões estavam sendo cunhadas, gente nova tinha mais acesso às riquezas produzidas e uma nova elite despontava, desbancando o poder conquistado por algumas famílias nobres e tradicionais.

Com essas transformações econômicas e sociais, nas bases do feudalismo decadente, ensaia-se o nascente humanismo europeu. Diante de um processo de “metanoia” profunda, aquele jovem aventureiro chamado Francisco passa por uma mudança interior e um caminho de conversão que transformou a sua vida e foi paradigma para um movimento espiritual e econômico.

Diante de sua entrega total a Cristo e de um estilo de vida mendicante e peregrino, surgem a partilha dos bens, a vida comunitária dos frades e a solidariedade no cuidado com os leprosos e os excluídos do seu tempo. Esse modo de vida vigora até hoje nos ditos tempos pós-modernos. E o estilo franciscano de inclusão social e o cuidado com a natureza

são, para nós, pessoas humanas conectadas do século XXI, uma via para um novo paradigma humano.

Francisco assume a pobreza como uma esposa, os seus irmãos frades e os excluídos como filhos. Seu estilo de vida e liberdade interior o faz um grande administrador, não de bens que são perecíveis, mas de um tesouro espiritual que até hoje sua herança contagia gerações. O jeito de Francisco de Assis e sua metodologia fizeram que o então Papa Francisco lançasse para a Igreja e o mundo provocações e reflexões sobre uma análise séria do sistema econômico vigente.

Neste artigo, de uma forma hipotética e dedutiva, procuraremos refletir sobre o que surgiu a partir das provocações do Papa Francisco, sobre economia. E, à luz do seu magistério, podemos vislumbrar uma âncora que chamamos esperança, que nos faz sonhar por navegar em um mundo mais fraterno e justo.

2 O QUE É A ECONOMIA DE FRANCISCO E CLARA?

São inúmeros os desafios enfrentados pelos povos, muitos deles causados pelo sistema econômico vigente. A desigualdade e a injustiça social são resquícios de uma economia que permite a assustadora distribuição desigual de renda e riqueza entre indivíduos e grupos sociais, que leva a uma injusta concentração de recursos econômicos nas mãos de poucos, enquanto muitos lutam para atender às suas necessidades básicas. Isso decorre de outros graves problemas sociais como o acesso desigual às oportunidades, às desigualdades de gênero, ao regional, à étnica e outros. Em face dessa realidade, é necessário propor caminhos para um futuro possível, tanto para as gerações atuais quanto para as próximas, e é isso que a Economia de Francisco e Clara – EFC – propõe.

A EFC nasce da iniciativa do Papa Francisco. Em carta enviada aos jovens economistas e empresários, Francisco convida a humanidade a pensar e a praticar uma economia que “faz viver e não mata, inclui e

não exclui, humaniza e não desumaniza, cuida da criação e não a devasta” (Francisco, 2019), pois os limites da Terra já podem ser sentidos, e a lógica econômica que prevalece não colabora com o futuro da vida no Planeta, que o pontífice chama de Casa Comum.

Acarta também ressalta a interdependência entre a justiça social e a proteção ambiental como cerne do chamado desenvolvimento econômico sustentável. Esses são princípios fundamentais abordados na *Laudato Si*, encíclica publicada pelo Papa Francisco em 2015, sobre o cuidado da Casa Comum. Nela, o Papa enfatiza a necessidade de compreendermos o que ele chama de ecologia integral, para ser aplicado um novo paradigma econômico, que respeite a dignidade humana, promova a equidade social e cuide do meio ambiente.

Na encíclica *Laudato Si*, o Papa Francisco destaca a urgência de mudanças significativas na forma como produzimos, consumimos e descartamos, ou seja, na forma que o sistema capitalista gere a vida no planeta. “Esses problemas estão intimamente ligados à cultura do descarte, que afeta tanto os seres humanos excluídos, como as coisas que se convertem rapidamente em lixo” (Francisco, 2015a, n. 22).

Mas, na lógica da ecologia integral, é fundamental entender que proteger o meio ambiente não é apenas uma questão de preservação da natureza, mas também de garantir que todos os seres humanos tenham acesso a condições de vida digna. “O ambiente humano e o ambiente natural degradam-se em conjunto; e não podemos enfrentar, adequadamente, a degradação ambiental, se não prestarmos atenção às causas que têm a ver com a degradação humana e social” (Francisco, 2015a, n. 48).

Em um mundo marcado por desigualdades extremas, a Economia de Francisco propõe refletir sobre uma abordagem inclusiva e equitativa. Isso significa reconhecer e priorizar todos, sobretudo os mais pobres e vulneráveis, nas decisões econômicas e políticas. Essa proposta desafia não apenas o

modelo econômico predominante, mas também os valores e os princípios que o sustentam, buscando correções efetivas nas inúmeras injustiças sociais. Essa é uma das razões que o Papa Francisco utilizou para justificar sua inspiração em São Francisco de Assis para dar nome a este projeto global: o cuidado com os mais pobres. No discurso que o pontífice fez por ocasião do evento *Economy of Francesco*, no dia 24 de setembro de 2022, em Assis, na Itália, ele enfatiza que, para fazer uma economia inspirada no santo de Assis, é preciso colocar os pobres no centro e, conseqüentemente, olhar para economia a partir deles.

Sem a estima, o cuidado, o amor pelos pobres, por cada pobre, por cada pessoa frágil e vulnerável, desde o concebido no útero até à pessoa doente e deficiente, não há “Economia de Francisco”. Diria mais: uma economia de Francisco não pode limitar-se a trabalhar para ou com os pobres. Enquanto o nosso sistema produzir descartes e agirmos segundo este sistema, seremos cúmplices de uma economia que mata (Francisco, 2022).

O Papa Francisco deseja, portanto, reanimar a economia, e isso, na visão do Sociólogo Eduardo Brasileiro, seria “passar da linguagem da cabeça para a linguagem do coração sobre economia e, assim, questionar: por que as pessoas sofrem por causa do sistema econômico dominante?” (Brasileiro, 2023, p. 23). A Economia de Francisco propõe que tenhamos uma visão humanizada das relações econômicas, em que o ser humano deve ser, como tudo e todos que coabitam o planeta, o verdadeiro beneficiário da economia, pois, se assim for, “ela pode dar esperança ao nosso amanhã, não apenas em benefício dos mais pobres, mas da humanidade inteira” (Francisco, 2019).

No Brasil, os articuladores para a Economia de Francisco adicionaram a importante figura de Santa Clara de Assis ao nome do projeto, e essa inclusão tem razão de ser: um dos pontos que não pode deixar de

ser citado é que, com sua forma simples de viver e o cuidado com os mais necessitados, Clara foi uma pessoa muito importante para o desenvolvimento do carisma franciscano. Outro ponto importante é que uma economia que se apresenta como inclusiva e disposta a envolver todas as pessoas precisa destacar a participação e a voz feminina, que foi, ao longo da história, desrespeitada e silenciada.

Assim como introduzido e também será apresentado adiante, a EFC tem como base ações e princípios que são muito importantes para o desenvolvimento de um projeto econômico que esteja comprometido com a vida em sua plenitude, “afinal, a economia em princípio deve servir para vivermos melhor, e não para que estejamos a seu serviço” (Dowbor, 2024).

São Francisco de Assis, com a experiência mística do crucifixo de São Damião, interrogando-o a reformar a Igreja, intuiu que tais mudanças seriam, *a priori*, do ponto de vista estrutural dos templos, mas, depois de um amadurecimento e de uma visão ampla do arcabouço pessoal e econômico do seu tempo, com os seus companheiros, inicia a era franciscana de inclusão social e espiritual, causando, conseqüentemente, um novo olhar para economia. Com uma experiência voltada para o bem integral da pessoa humana, buscou transformar o tecido social e construir uma cultura de solidariedade, ou civilização do amor, como alguns chamam.

3 OS PRINCÍPIOS DA ECONOMIA DE FRANCISCO E CLARA

A EFC, como mencionada, foi inspirada em dois conhecidos santos de Assis – Francisco e Clara –, mas é com o Papa Francisco que ela toma forma, pois o debate global sobre o *realmar da economia* surge, sobretudo, com algumas reflexões que têm sido parte importante do seu magistério e da Doutrina Social da Igreja. Inspirada nessas provocações, a Articulação Brasileira pela Economia de Francisco e Clara – ABEFC – publicou dez

princípios que norteiam as ações em prol da concretização desse projeto.

Para se falar em EFC, precisamos partir do princípio da **ecologia integral**. Como aludido acima, falar em ecologia integral é reconhecer que a preocupação ambiental, do ponto de vista tradicional, não é suficiente para resolver os problemas contemporâneos. Pensar a ecologia hoje abrange, também, as dimensões sociais, econômicas, políticas e humanas. É preciso reconhecer que todas essas esferas estão interligadas e interdependentes, significa dizer que qualquer ação em uma dessas dimensões, afeta, direta ou indiretamente, as outras. Falar em ecologia integral é também reconhecer que todas as criaturas são filhas do mesmo Criador e, portanto, são vidas que precisam ser preservadas em sua integralidade, como nos inspira São Francisco de Assis.

Não é novidade, também, que a economia, entendida como uma das ciências sociais, é fundamental para o desenvolvimento dos povos. Para isso, é essencial que, assim como na ecologia, partamos do princípio de **desenvolvimento integral**. De fato, se, para desenvolver-se, um determinado grupo precisa assolar outro ou, até mesmo, o meio ambiente em que está inserido; esse desenvolvimento não é sustentável, tampouco justo. Ladislau Dowbor, em contundente crítica à desigualdade econômica global, afirma que o sistema vigente tende a favorecer um pequeno grupo em detrimento da esmagadora maioria da população. “Estamos destruindo o planeta em proveito de uma minoria inoperante, enquanto os recursos necessários para assegurar tanto as políticas ambientais como as de redução das desigualdades são desviados para atividades de especulação financeira” (Dowbor, 2019).

Conseqüentemente, o desenvolvimento econômico atual se baseia na intensiva exploração de recursos naturais, na poluição ambiental, na degradação de ecossistemas, no aumento das emissões de gases de efeito estufa e na perda de biodiversidade. Tudo isso em busca de maximizar lucros, sem considerar os custos ambientais e sociais em longo prazo,

inviabilizando, portanto, um desenvolvimento que seja sustentável e integral. Logo, é preciso **alternativas anticapitalistas** para superar essas mazelas que são impostas à humanidade e impedem a erradicação das inúmeras desigualdades enfrentadas pelos povos. Em contraponto ao capitalismo, a EFC busca, na filosofia do bem viver, baseada na igualdade e na sustentabilidade, uma alternativa que torne viável o verdadeiro progresso econômico, que não elimina ninguém em detrimento do capital. Alair Ferreira de Freitas, ao discorrer sobre a economia do bem viver, destaca que esta propõe a preservação de tudo aquilo que pode ser entendido como bem comum e, como é de todos, exige o cuidado de todos.

A economia do bem viver preserva os bens comuns, cuida da Natureza e valoriza a vida. Isso demanda mudar instituições, estimulando a cooperação e não a competição, a consciência e não o consumismo, a solidariedade e não o individualismo. Esse é um processo de mudança institucional e, como tal, parte de ações coletivas (Freitas, 2021, p. 639).

Não há que se falar, portanto, em EFC sem considerar o princípio do **bem comum**. O Papa Francisco afirma, na encíclica *Laudato Si*, que o destino comum dos bens é uma ideia central, vinda do princípio do bem comum; ora, o que aqui estava quando chegamos precisa continuar quando aqui não mais estivermos. Esse raciocínio independe de crença religiosa, pois “a terra é, essencialmente, uma herança comum, cujos frutos devem beneficiar a todos” (Francisco, 2015a). Nesse sentido, é injustificável a idolatria ao capital, que desenvolve a equivocada ideia de que a propriedade é um bem absoluto e que está a serviço, exclusivamente, daqueles que a detêm.

O princípio da subordinação da propriedade privada ao destino universal dos bens e, conseqüentemente, o direito universal ao seu uso é uma «regra de ouro» do comportamento so-

cial e o «primeiro princípio de toda a ordem ético-social». A tradição cristã nunca reconheceu como absoluto ou intocável o direito à propriedade privada e salientou a função social de qualquer forma de propriedade privada (Francisco, 2015a, nº 93).

Ladislau Dowbor, em artigo denominado *Crônica de uma angústia planetária*, afirma que há necessidade de repensar a função da economia na sociedade, visto que uma “economia a serviço do bem comum implica que seja economicamente viável, mas também socialmente justa e ambientalmente sustentável” (Dowbor, 2024). Isso acompanha o pensamento do Papa Francisco ao afirmar que **tudo está interligado** e, conseqüentemente, soluções para a crise socioambiental que é enfrentada precisam reconhecer essa interdependência econômico-sócio-ambiental.

Propor colocar os menos favorecidos e mais injustiçados no centro dos debates econômicos implica reconhecer e incentivar a **potência das periferias vivas**, pois só envolvendo aqueles que estão nas periferias, aqueles que precisam ter corrigidas as injustiças a que foram impostos, teremos uma economia real e que faz a diferença na vida de todos. O Papa Francisco, no discurso que proferiu por ocasião de sua participação no II Encontro Mundial dos Movimento Populares, em 2015, na Bolívia, enfatiza a importância dessas sementes de esperança, que devem ser semeadas nas periferias esquecidas do planeta, para termos êxito na construção de novos projetos econômicos. E nos ensina o pontífice: é por meio “destes rebentos de ternura que lutam por subsistir na escuridão da exclusão, que crescerão grandes árvores e surgirão bosques densos de esperança para oxigenar este mundo” (Francisco, 2015b).

Uma **economia a serviço da vida** é aquela que considera que todos, sem exclusão de ninguém, são dignos e precisam ter seus direitos respeitados, de forma que seja considerada a diversidade de gênero, étnica, social, política e religiosa.

Outro princípio importante para a construção da Economia de Francisco e Clara é o reconhecimento das **comunidades como saída**, que destaca a importância da territorialidade, que é

entendida como o espaço de vivência concreta no cotidiano, tem um papel crucial na construção de novas práticas econômicas. Cremos que é desde o chão da existência real e da práxis que se forja o ser político social, potencializando os saberes e fazeres por meio do protagonismo dos atores locais sendo parte da ação necessária à mudança macroterritorial. Cremos que a decolonização começa por uma reparação histórica, e deve se constituir na luta pelos direitos territoriais sagrados dos povos originários e quilombolas (ABEFC, 2021).

Tudo isso só é possível se passarmos pelo iluminado caminho da boa educação. Educar, como nos ensina Paulo Freire, é um ato de amor. E a educação, para construir uma economia sustentável, precisa ser uma **educação integral**. Logo, para cumprir o objetivo de formar seres humanos críticos e emancipados de todo tipo de alienação, precisa ter, em seu escopo, a preocupação com a política, as artes, a inclusão, o meio ambiente, uma sábia espiritualidade e todas as dimensões que formam o sujeito, inclusive, no que diz respeito à formação econômica, interdisciplinar por natureza. Por isso, deve-se sempre defender uma educação pública de qualidade, para levar aos menos favorecidos a possibilidade do seu pleno desenvolvimento formativo e intelectual.

Por fim, é preciso defender a solidariedade, acreditar nela e **no clamor dos povos**. Como afirma o Papa Francisco, “os povos do mundo querem ser artífices do seu próprio destino” (Francisco, 2015b), e, só com sua efetiva participação, poderá ser construída uma sociedade que entende e trabalha pelas necessidades daqueles que a compõem. A solidariedade, afirma a encíclica *Fratelli Tutti: sobre a fraternidade e a amizade social*,

“manifesta-se, concretamente, no serviço, que pode assumir formas muito variadas de cuidar dos outros” (Francisco, 2020).

Esses são alguns princípios que, no Brasil, a Articulação para a Economia de Francisco e Clara julga essenciais para que a economia esteja a serviço da humanidade, desenvolvendo um projeto sustentável para nós e para aqueles que virão. Essa economia, afirma-nos o Papa Francisco, não é apenas um desejo, ela é necessária e possível. “Os recursos disponíveis no mundo, fruto do trabalho intergeracional dos povos e dos dons da criação, são mais que suficientes para o desenvolvimento integral de «todos os homens e do homem todo»” (Francisco, 2015b). O jeito de ser de Francisco e Clara de Assis nos interpela a crer que é possível sonhar e lutar para que o mundo seja mais solidário, não só como uma utopia, mas como o início de uma realidade.

4 UM OLHAR DE ESPERANÇA À LUZ DA FÉ

Em tempos totalitários e cheios de incertezas, são necessárias vozes que gritem além dos telhados e façam com que o barco da esperança possa navegar em mares muitas vezes bravios e incertos. A pessoa humana, na sua dignidade, deve sempre ter o primeiro lugar, ser prioridade nas reflexões e nas decisões. Enquanto a ganância por lucro a qualquer custo falar mais alto que a voz de crianças, idosos, inocentes que todos os dias são vítimas do sistema cruel que idolatra o dinheiro, não estaremos vivendo as promessas daquele a quem Francisco e Clara de Assis, Inácio de Loyola, Juan Diego, José Cupertino, Josefina Bakhita, Nhá Chica, Charles Eugène de Foucauld, Giuseppe Moscati, Gianna Beretta Molla, Teresa de Calcutá e Dulce do Brasil entregaram suas vidas.

Esses homens e mulheres, filhos do seu tempo, foram capazes de escrever, em suas histórias, páginas de solidariedade e, a exemplo do grande Administrador Celeste Jesus de Nazaré, puseram em prática as

bem-aventuranças. “Felizes os pobres no espírito, porque deles é o Reino dos Céus” (Bíblia, Mateus, 5, 3). Mergulhados nessa premissa evangélica, vale a pena remar no mar da economia que não exclui, que está fundamentada na prática solidária da partilha, da valorização dos dons e talentos.

Uma economia da esperança que não torna o outro uma mera mercadoria e não tipifica o valor da pessoa a partir de ideologias raciais ou monetárias será uma bússola, para orientar a humanidade. Se o verbo que temos que conjugar para entender a Economia de Francisco e Clara for o “esperançar”, estaremos levantando a âncora no grande mar da vida, e ali o nosso barquinho irá singrar em direção a uma Cidade Eterna, onde o seu título de cidadania se chamará igualdade, seu hino será solidariedade, e a energia que pulsará para mover os corações a realizar o bem e ver o outro feliz se chamará amor (Bíblia, Coríntios, 13, 1-13).

Só dentro desta perspectiva do esperançar teremos força suficiente para não estagnarmos em nossos próprios limites. Apenas com a densidade da palavra cooperação poderemos ser governados por pessoas bem formadas e capazes de estender a mão e não apontar o dedo ou apertar o gatilho.

Uma economia que for baseada em Francisco e Clara poderá cantar: “Pois é dando que se recebe”. É trabalhando com honestidade, justiça que se cresce e se pode partilhar. Será o testemunho daqueles que remam no mar da esperança que irá convencer o mundo balançado pelas altas ondas de egoísmo e orgulho. Formar as novas gerações dentro das premissas da Economia de Francisco e Clara será o grande desafio para os educadores do século XXI.

Só a partir da seiva da humildade, como fizeram Francisco e Clara, seremos capazes de diluir uma cultura individualista e sectária. Apenas com a ternura, como nos inspira esses dois jovens, que transgrediram os ideais de grandeza do seu tempo, será possível ir contra as ondas de um hedonismo ou narcisismo que aflora nos tempos atuais. Vê-se uma luz verde no oceano da economia, que sejamos capazes

de avançar para águas mais profundas no mar da esperança. E o verbo tem um nome, chama-se “esperançar”!

5 CONCLUSÃO

A economia é uma importante ferramenta para o desenvolvimento dos povos. No entanto, se não for a serviço da humanidade, ela pode causar danos, muitas vezes irremediáveis, às pessoas e ao planeta. A EFC emerge como uma resposta ética e prática aos desafios contemporâneos, inspirada pela visão integral do Santo de Assis e teorizada nos ensinamentos do Papa Francisco. Esse projeto transcende a visão tradicional da ecologia, abraçando a interdependência entre dimensões ambientais, sociais, econômicas e humanas; propõe um desenvolvimento que não apenas respeita, mas promove a vida em todas as suas formas, desafiando o paradigma capitalista que favorece a concentração de riqueza e as desigualdades crescentes.

A EFC não é apenas uma aspiração, mas uma necessidade urgente e viável que encontra na cooperação e na sustentabilidade os alicerces para um progresso verdadeiramente humano. Todos são chamados ao verdadeiro progresso dos povos, que é uma sociedade humanamente desenvolvida e comprometida com o bem comum. São muitos os caminhos possíveis; nenhum, no entanto, conseguirá êxito se for pensado de forma segmentada, sem considerar a integralidade de tudo o que coabita o planeta.

É preciso encarar esse projeto não como um conjunto de doutrinas religiosas, mas como o desenvolvimento de consolidados estudos, feitos por crentes e não crentes. Não restam dúvidas de que mudanças urgentes precisam ser tomadas, para continuarmos a vida, plena e digna, como deve ser. A inspiração em Francisco e Clara de Assis é um convite à conversão que transcende qualquer credo, que eles e tantos outros, no correr da história, passaram: a conversão ao amor! E para as gerações, do presente e do futuro, esse chamado a uma nova economia é também um chamado de esperança.

REFERÊNCIAS

- ABEFC. **10 princípios da Economia de Francisco e Clara**. Brasil, 2021. Disponível em: <https://economiadefranciscoeclara.com.br/10-principios-da-economia-de-francisco-e-clara/>. Acesso em: 8 jul. de 2024.
- BÍBLIA, Português. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2002.
- BRASILEIRO, Eduardo. Realmar: a Economia de Francisco e Clara e a Libertação da Economia. *In*: BRASILEIRO, Eduardo. **Realmar a economia**: a economia de Francisco e Clara. São Paulo: Paulus, 2023.
- FREITAS, A. F. Economias para o bem viver: uma reflexão para a sociedade pós-pandemia. **NAU Social**, v. 12, n. 22, p. 616-625, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/nausocial/article/view/37814>. Acesso em: 10 jul. 2024.
- DOWBOR, Ladislau. A grande riqueza e a grande pobreza são igualmente patológicas para a sociedade. **Revista ComCiência**, Campinas, 2019. Dossiê temático 208. Disponível em: <https://www.comciencia.br/grande-riqueza-e-grande-pobreza-sao-igualmente-patologicas-para-sociedade/>. Acesso em: 10 jul. 2024.
- DOWBOR, Ladislau. Crônica de uma angústia planetária. **Revista Outras Palavras**, São Paulo, 2024. Disponível em: <https://outraspalavras.net/crise-civilizatoria/dowbor-cronica-de-uma-angustia-planeta-ria/>. Acesso em: 10 jul. 2024.
- FRANCISCO, Papa. **Carta do Papa Francisco para o evento “Economy of Francesco”**. Vaticano, 2019. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2019/documents/papa-francesco_20190501_giovani-impreditori.html. Acesso em: 8 jul. 2024.
- FRANCISCO, Papa. **Carta encíclica *Laudato Si***: sobre o cuidado da casa comum. Vaticano, 2015a. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html. Acesso em: 8 jul. 2024.
- FRANCISCO, Papa. **Discurso do Papa Francisco por ocasião de sua participação no II encontro mundial dos movimentos populares**. Vaticano, 2015b. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/july/documents/papa-francesco_20150709_bolivia-movimenti-popolari.html. Acesso em: 8 jul. 2024.
- FRANCISCO, Papa. Carta encíclica ***Fratelli Tutti***: sobre a fraternidade e a amizade social. Vaticano, 2020. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html. Acesso em: 8 jul. 2024.
- FRANCISCO, Papa. **Discurso do Papa Francisco na visita a Assis por ocasião do evento “Economy of Francesco”**. Vaticano, 2022. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2022/september/documents/20220924-visita-assisi.html>. Acesso em: 8 jul. 2024.